



## DIVERSIDADES E ADVERSIDADES SOCIAIS: REFLEXÕES PARA INCLUSÃO

Cristiney Bezerra dos Santos <sup>1</sup>  
Lúcio Fernandes Ferreira <sup>2</sup>  
Cleverton José Farias de Souza <sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

A diversidade é um conceito que permeia muitos debates sociais, sejam eles políticos ou culturais. Por isso sempre ocorre um recorte temático pautado em estabelecer uma frente de defesa em determinadas vertentes: negros, índios, mulheres, homossexuais, pessoas com necessidades especiais e etc.

O Brasil é um país com uma grande diversidade de povos e costumes, moldado em uma miscigenação pela qual explica a sua identidade cultural ser ampla e diversa. Portanto, é um país com seres humanos muitos diferentes em vários aspectos étnicos (GUSMÃO, 2000).

Essa pluralidade étnica, pelo ponto de vista da antropologia, se torna um emaranhado de questões que devem ser observadas de diversos ângulos científicos, e partir destes buscar construir um entendimento identitário. Afinal toda identidade cultural é construída. (MUNANGA, 2003). Por isso, para entender essa variedade brasileira requer muitas reflexões e análises, antropológicas, geográficas, sociológicas e históricas.

A formação de profissionais no âmbito educacional requer processos que reflitam a diversidade, pois na Educação esse conceito é muito presente e desafiador, no sentido de que tal profissional necessita estar aptos a lidar com tantas diferenças e adversidade no espaço escolar.

Este trabalho se justifica, por fazer parte de um extensivo debate gerado no Programa de Pós-Graduando em Educação, na linha de pesquisa intitulada “Educação Especial e Inclusiva no contexto amazônico”, que teve a intenção de refletir as formas inclusiva no ambiente escolar levando em consideração, também, a região amazônica. Portanto, este trabalho tem o objetivo de apresentar breves reflexões sobre a diversidade, diferenças na sociedade e como isso reflete no ambiente escolar.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas – PPGE/UFAM, [cristineybs13@gmail.com](mailto:cristineybs13@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutorado em Educação Física da Universidade Federal – Professor titular da Univerdade Federal do Amazonas- UFAM, [lucciofer@ufam.edu.br](mailto:lucciofer@ufam.edu.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutorado em Educação Física – Professor titular da Univerdade Federal do Amazonas, [cleverton@ufam.edu.com.br](mailto:cleverton@ufam.edu.com.br)

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Este estudo partiu das reflexões feitas através da disciplina “Educação e Inclusão em diferentes contextos”, da grade curricular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, no ano de 2021. Constituiu-se em uma roda de debate que trouxesse em discussão perspectivas inclusivas. Esse debate se tornou o ponto de partida para discutir sobre diversidade, diferenças, a função da educação e o papel da escola dentro desse contexto social, integrando o entendimento da importância do tema “inclusão” e seus sujeitos envolvidos.

Portanto, considera-se uma breve revisão e análise de literatura (BOTELHO; CUNHA, MACEDO, 2011). No sentido de identificar e analisar os estudos a partir de pontos de vistas da autores consagrados, como : Avtar Brah, Clifford Geertz, Nilma Lino Gomes e Neusa Gusmão.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para iniciar o debate de entendimento dialético sobre diferenças e diversidades, vale ressaltar as problemáticas analisadas no discurso da autora e professora Avtar Brah (2006). Em seus escritos, nos orienta a perceber as diferenças como parte integrante e necessária do conjunto social, enfatizando que a diversidade se constrói pela as relações construídas culturalmente. Aponta que a diferença pode ser vista por duas formas: como relação social e como identidade.

Nas relações sociais, as diferenças são construídas historicamente e reforçadas sobre os regimes de poder, gerando assim, as diferenciações (em gênero, classes, racismo e etc.), resultando campos de possibilidades e formações de grupos estruturados (BRAH, 2006). Portanto, o mesmo contexto pode produzir diversas histórias coletivas. A diferença como identidade, se sobressai no campo das subjetividades sociais, ou seja, campo onde se constrói o sentido das nossas relações com o mundo. Sendo assim, essas duas vertentes nos coloca como seres diversos onde quer que estivemos.

Para a autora, é necessário criar estratégias para enfrentar as opressões, e mais que tudo, entender como as diferenças e diversidade se interconectam e se articulam, para que todas as diversidades sejam respeitadas e garantidas em suas variadas formas.

Diante disso, os inúmeros discursos de lutas por respeito às diferenças são discorridos em vários segmentos sociais e culturais, levantando uma bandeira política que implemente



políticas públicas que considerem sua história e suas respectivas diferenças, buscado serem respeitados dentro de seus grupos culturais ou sociais.

Na percepção antropológica de Geertz (1999), a diversidade é cultural e faz parte das sociedades complexas. Para tanto, critica a visão amarrada do etnocentrismo e reforça dizendo que este pensamento obscurece as diferenças e as incompatibilidades entre as pessoas, fazendo com que isole a possibilidade de mudarmos nossa mentalidade em relação ao outro.

Por outro lado, aponta que o caminho para superar essa problemática é através da percepção etnográfica, onde possibilita sermos colocados nos diversos meios culturais e, a partir disso, temos a oportunidade de conhecermos uns aos outros e refletir que a diversidade cultural é plural. E assim a consciência sobre o outro pode ser criada, sendo necessária para que exista o respeito mútuo. Além disso, depende de mecanismos intermediadores que possibilitem essa troca cultural e social.

Dentro das estruturas sociais a Educação ganha notoriedade para enfrentar esse dilema social. Na visão de Gomes (2012), um outro fator se torna importante nesta análise social: as desigualdades, muito presente nas diversidades. Segundo a autora, essa interrelação requer um olhar multissocial apontados principalmente em discursos que mobilizam a luta pelo o acesso à “educação, à moradia, ao trabalho, à saúde e aos bens culturais (GOMES, 2012. p. 687). Além disso, se destacam os movimentos sociais de caráter identitário como: “indígenas, negros, quilombolas, feministas, LGBT, povos do campo, pessoas com deficiência, povos e comunidades tradicionais e etc.” (GOMES, 2012. p. 287).

Por outro lado, tais discursos são reforçados no clamor constitucional pelo artigo 205 da Constituição Federal “a Educação é um direito de todos”. Nota-se que a Educação pode ser o meio pelo qual todos acreditam que esses tabus podem e devem ser quebrados, e a escola pode ser vista como um local que se começa a trabalhar as diferenças e desigualdades.

Diante disso, GUSMÃO (2000) analisa os desafios da escola para tratar a diversidade, segundo a autora “há uma preocupação em estabelecer uma educação voltada para o respeito pela diversidade”. Portanto, a escola ganha esse papel de instituição transformadora, mas devemos analisar que para isso ocorrer, muitos fatores devem ser levados em consideração como: a formação adequada de todos os envolvidos nesse processo, haja visto que até mesmo essas pessoas envolvidas possuem sua formação cultural, religiosa, social específica.

Portanto, nos estudos que norteiam a linha de pesquisa 04 (Educação Especial e Inclusiva no contexto amazônico), é importante observar que esta tem função de abordar, discutir e criar condições para pesquisas no âmbito da Educação Inclusiva e Especial. Dessa forma, atende muitas temáticas que possibilitam rever conceitos e questionar atitudes,



incentivando para a prática social da cidadania em refletir o papel de todos pelo tratamento igualitário dentro das diferenças sociais.

Os textos abordados se tornaram essenciais para reorientar quanto ao papel de pesquisador social, pois as discussões puderam fazer refletir o caminho que estamos trilhando no campo da pesquisa. Pois há um grande desafio a ser enfrentado e debatido, buscando garantir o direito de todos e o respeito junto às especificidades, e este encontro de diferenças sociais dialoguem, sem que haja desvalorização ou inferiorização entre os grupos, fazendo contribuições para educação inclusiva.

Estas teorizações devem fazer parte do entendimento de quem se atreve a navegar pelo os estudos da “Educação Inclusiva em diferentes contextos”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Inclusiva é um desafio que não pode ser visto no sentido de utopia, como no contexto citado por Eduardo Galeano, quando diz

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.” (Revista Prosa e Verso (2021).

Nesse sentido, os desafios da Educação Inclusiva devem ser superados e por mais que barreiras sejam criadas (como retrocesso nas políticas educacionais) devemos persistir e nunca “parar de caminhar”, só assim faremos dessa “utopia” uma realidade, e a Educação com qualidade para todos, aprendendo a viver e conviver com as diferenças e diversidade em uma sociedade plural.

Devemos, além disso, compreender que o termo *diversidade* parte muitas vezes da confusão que se tem sobre o que é ser diferente. Ou seja, o diferente é rotulado sempre que se parte de um ponto de referência, daquilo que é concebido por padrão dentro de uma sociedade. E esta visão discrimina todos aqueles que não se encaixam ou fazem parte desse grupo padrão. Logo ser diferente e diverso é normal, pois cada ser humano possui suas próprias especificidade.

**Palavras-chave:** Diversidades; Educação Inclusiva, Diferenças.



## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (FACED/UFAM), pelo apoio e financiamento deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. DE A.; MACEDO, M. O Método Da Revisão Integrativa Nos Estudos Organizacionais. *Gestão e Sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121, 2011. Disponível em: <https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220> Acesso em: 30 set. 2022.

BRAH, Avtar. Diferenças, diversidade, diferenciação. *Caderno Pagu* (26). Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2006. Pp.329-376.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008a. \_\_\_\_\_. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008.

FREITAS, Maria Ester de. *Diversidade: uma realidade incômoda*. 2016.

GEERTZ, Clifford. Os usos da diversidade. *Horizontes antropológicos*, v. 5, n. 10, p. 13-34, 1999

GOMES, Nilma Lino. Desigualdades e diversidade na Educação. *Educ. Soc.*, Campinas, v.33, n.120, p.687-693, jul-set. 2012

GUSMÃO, Neusa M.M. Desafios da Diversidade na Escola. *Revista Mediações*, Londrina, v.5, n.2, p.9-28, jul/dez.2000.

MIZOGUCHI, Léa. *Psicanálise e Educação na Diversidade: é possível uma escola para todos?* Porto Alegre: 2008. 95 f. + Anexos. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do sul, Porto Alegre, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre a diversidade e a identidade negra no Brasil. / *Diversidade na Educação: reflexões e experiências* / Coordenação: Marise Nogueira Ramos, Jorge Manoel Adão, Graciete Maria Nascimento Barros. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003. p. 35-47.

Revista Prosa Verso e Arte. **Para que serve a utopia? – Eduardo Galeano** (2021) – Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/para-que-serve-a-utopia-eduardo-galeano/>. Acessado em 15 de set/2022.